



**O TAO DA LINGUAGEM: SEMELHANÇAS ENTRE LINGÜÍSTICA,
CONSTRUTIVISMO SOCIAL E MISTICISMO¹**

Arran Stibbe (Universidade de Gloucestershire, Cheltenham, Reino Unido)

R e s u m o : O principal objetivo desta artigo é mostrar que a sociologia e a linguística apresentam ideias semelhantes às da filosofia oriental, que também serão discutidas neste trabalho. Além disso, procurar-se-á mostrar que tais similaridades também ocorrem em outras disciplinas, com destaque para a física moderna, conforme exposto em Capra (1999, 1982), bem como que a exploração dessas similaridades e uma possível síntese de tradições são mais úteis para a linguística, e demais ciências, do que a procura de pontos dessemelhantes.

P a l a v r a s - c h a v e : Língua; Semântica; Construtivismo Social; Taoísmo; Zen-Budismo.

A b s t r a c t : The main purpose of this article is to show that sociology and linguistics contain ideas that are similar do oriental philosophy – these will be discussed here too –. Further, I intend to show that these similarities are also present in other disciplines, especially modern physics as demonstrated in Capra (1999, 1982). An emphasis in these similarities combined with a synthesis of those traditions and other sciences are more useful than looking for dissimilarities among them.

K e y w o r d s : Language; Semantics; Social constructivism; Taoism; Zen-Buddhism.

Introdução

Em *The Tao of Physics (O tao da física)*, Fritjof Capra (1999) mostra como a recente teoria da física moderna contém reflexos do antigo misticismo oriental. A descoberta de semelhanças entre a física e o misticismo levou Capra (1999:6) a explorar e a contribuir para o desvelamento de uma nova visão de realidade que foi exposta no final do século XX e continua até agora no século XXI. Em *The Turning Point (O ponto de mutação)*, Capra (1982) descreve a revolução que ocorreu não apenas na física, mas também na psicologia, medicina, economia e ecologia, e propõe algumas semelhanças entre a direção que essas disciplinas estão tomando e o misticismo antigo.

¹Traduzido do original inglês por Davi Borges de Albuquerque.

Embora mencionada raramente nas discussões de Capra, a descoberta de uma nova visão de realidade também ocorreu na linguística e sociologia, particularmente no encontro das duas disciplinas, a sociolinguística, a análise crítica do discurso e o construtivismo social. Estas subdisciplinas parecem estar tomando a mesma direção descrita por Capra para outras disciplinas, a saber: distanciando-se do reducionismo e se aproximando de uma visão mais integrada da realidade, compatível com visões do misticismo oriental. No entanto, linguistas e sociólogos raramente apontam as semelhanças entre seus próprios trabalhos e as ideias orientais, e quando o fazem há uma tendência a um descaso em relação ao misticismo.

A relutância de linguistas e sociólogos de se aventurarem no misticismo provavelmente se dá pelo fato de um dos objetivos das várias formas de misticismo oriental ser transcender o próprio objeto que esses cientistas estudam: ir além da linguagem e das construções sociais. Como exemplo, Gergen (1999: 236), em seu *Invitation to Social Construction*, menciona rapidamente semelhanças entre o Zen e as construções sociais, mas reflete a respeito ‘das limitações da tradição Zen’ por meio de uma afirmação um tanto desdenhosa, mesmo que elaborada diplomaticamente, que, segundo Gergen, ‘os Zen budistas falam de um estado de não mente... [que] permite ao indivíduo transcender significados culturais locais... Intelectualmente, construtivistas sociais podem questionar a possibilidade de alguém conseguir transcender significados culturais.’ Lakoff e Johnson (1999:19) são mais diretos ainda ‘Nós não somos capazes de “ir além” de nossas categorias, de ter apenas experiências puramente acategoriais e aconceituais, como sugerem algumas tradições meditativas.’

Porém, disciplinas acadêmicas ocidentais que estudam a linguagem e tradições orientais que tentam transcender a linguagem tem algo em comum; elas reconhecem a importância da língua na construção de nossa visão de mundo. Este artigo argumenta que o desenvolvimento da sociologia e da linguística tem ideias semelhantes com a filosofia oriental, assim como na física moderna e em outras disciplinas descritas por Capra (1999, 1982), e que a exploração dessas similaridades e uma possível síntese de tradições são mais úteis do que a procura de pontos dessemelhantes.

O modelo clássico de língua

O argumento principal de Capra (1999), em *O tao da física*, é que no passado os físicos acreditavam que fenômenos complexos poderiam ser explicados repartindo-os em suas

unidades constituintes menores e, assim, descrevendo como essas unidades menores interagem. Porém, no nível sub-atômico foi descoberto que ‘o sólido, objeto material da física clássica, está dissolvido em padrões de probabilidades semelhantes a ondas’ (Capra 1982: 69), resultando em uma visão do universo como um ‘todo harmonioso indivisível, uma rede dinâmica de relações’ (Capra 1982: 32). Capra argumenta que esta nova visão possui semelhanças com a concepção de universo do misticismo oriental.

As disciplinas das ciências sociais, e particularmente na linguística, seguiram inicialmente a física ao tentar forçar um modelo reducionista nos fenômenos sociais e linguísticos. A língua foi analisada como feita de pequenas unidades indivisíveis interagindo umas com as outras para formar unidades maiores: letras formam morfemas, que formam palavras que, por sua vez, formam sentenças e assim por diante até o nível das sentenças se combinarem para formar os significados. A linguística apresentou-se como promissora ao descrever a estrutura interna das línguas, já que as línguas são feitas claramente de unidades discretas, como as palavras. Porém, a dificuldade surge na área da semântica, que tenta explicar como os sistemas linguísticos podem ter significados. Desta maneira o estudo da semântica necessita que seja dado um passo para fora da língua, analisando as relações entre língua e o mundo real.

A disciplina da semântica formal, baseada no reducionismo da física, partiu do pressuposto de que da mesma maneira que a língua a realidade também é divisível em entidades, e que estas entidades correspondem a palavras na língua. Desta forma, a palavra ‘Jill’ corresponde a um indivíduo no mundo, e a palavra ‘gato’ corresponde a um conjunto de indivíduos (ver Cann 1993). Segundo esta teoria, as sentenças adquirem seus respectivos significados ao se referir a condições do mundo nas quais a sentença deve se adequar para ser verdadeira. Por exemplo, o significado da sentença ‘Jill é um gato’ é verdadeiro somente se o indivíduo ‘Jill’ for membro de um conjunto de entidades objetivas, e que existam externamente, chamado ‘gato.’

Naquela época, a linguística era considerada como o estudo da língua, e não da realidade em geral. Desta maneira, a questão de se realmente existiam conjuntos de objetos ‘lá fora’ foi deixada de lado, e os semanticistas concentraram-se somente em analisar como o significado das palavras se combinava para formar as condições de veracidade. De acordo com a abordagem da semântica formal, o significado da sentença ‘Jill é ou um gato ou um cachorro’ consiste nas condições sob as quais a sentença é verdadeira: a condição sob

a qual o indivíduo ‘Jill’ é membro da união dos dois conjuntos de traços ‘cachorros’ e ‘gatos’.

Este tipo de semântica obteve algum êxito ao descrever o funcionamento de sentenças simples, inventadas (não autênticas) e formadas com operadores como ‘e’, ‘ou’ ‘se’ e modificadores como ‘todos’. Porém, a semântica formal possuía as mesmas fundações da física clássica. Lakoff & Johnson (1999:101) resumem as premissas metafísicas da semântica formal da seguinte maneira:

O mundo é feito de diferentes objetos que possuem determinadas propriedades e se fixam em relações definidas a qualquer momento. Estas entidades formam categorias... que são definidas por condições suficientes e necessárias.

Deve-se notar que o modelo da semântica formal, em que a verdade é criada ao se mapear corretamente as expressões linguísticas para se encontrar objetivamente os equivalentes no mundo, segue o interesse de cientistas, tanto físicos quanto sociais. O modelo dá autoridade a afirmações elaboradas por cientistas ao fazê-los ver a verdade em um sentido absoluto por meio de correspondências com uma realidade predeterminada. Então, não é de se surpreender que este modelo permaneça por um longo tempo imbatível e, assim, a semântica formal é ensinada em alguns cursos de introdução à linguística até os dias de hoje.

Porém, houve desafios ao modelo clássico de língua de várias fontes distintas nos últimos trinta anos. Assim, surgiram desafios para o modelo clássico da física, que foram superados por meio do conhecimento do misticismo oriental, da mesma maneira ocorreu para o modelo clássico de língua.

Desafios para o modelo ocidental clássico de língua ***Primeiro desafio: a teoria do protótipo***

O modelo clássico é baseado em objetos em um mundo ordenada e objetivamente organizado em conjuntos nos quais qualquer pessoa racional pode reconhecê-los como tais. Rosch (1973, 1975) e seus colegas afirmaram que o mundo não vem dividido de maneira organizada em conjuntos de objetos, pois até mesmo algo simples como o conjunto de traços denotados pela palavra ‘gato’ pode ou não incluir leões, tigres e brinquedos infantis, dependendo do propósito com que é usado. Ainda, é difícil

pensarmos em uma maneira objetiva de organizar rios e riachos, ou navios e barcos, ou restaurantes e bistrôs. Da mesma maneira, uma maçã pode parecer uma maçã, mas está envolvida em um ciclo de crescimento e decrescimento no qual não há uma linha divisória exata entre quando o item ‘maçã’ passa entrar em existência.

O problema básico é que cada objeto é único, mesmo se considerarmos que o mundo pode ser dividido em objetos. Seria fácil se escolhêssemos um conjunto de objetos ‘morro’ se todos fossem iguais. Mas cada monte é único, alguns são menores e podem ser confundidos com montes, outros são maiores e podem ser confundidos com montanhas, e também não há um no mundo real um objeto que corresponda especificamente à palavra ‘morro’.

Enquanto a linha divisória entre morros e montanhas é certamente vaga, pode ser argumentado que outras linhas divisórias são mais claras, como entre girafas e elefantes. Isto corresponde de maneira correta a que Berlin et. al. (1974) chamam de categorias de nível básico (*basic-level categories*) as quais humanos têm poucas dificuldades de organizá-las em conjuntos discretos, porém outros níveis de categorização, como os tipos de elefantes, são mais difíceis. No entanto, algumas áreas seguem melhor que outras o modelo da semântica formal, com objetos artificiais sendo enquadrados melhor nos modelos formais, já que eles são produzidos em massa para serem idênticos. Fica óbvio que não é uma coincidência que os exemplos usados pelos estudiosos da semântica formal tendem a ser das categorias de níveis básicos ou objetos artificiais.

Lakoff e Johnson (1999:101) apresentam evidências de fontes variadas, incluindo investigações de protótipos e categorias de nível básico, concluindo que:

Absolutamente nenhum avanço foi alcançado em relação à demonstração de que o mundo é da maneira que os metafísicos objetivos alegam que é, assim como ninguém tentou adaptar tal modelo teórico ao mundo.

Segundo desafio: a manipulação ontológica

Potter (1996:186) usa o termo ‘manipulação ontológica’ (*gerrymandering*) para descrever como os limites entre as categorias não é fixo, conforme o modelo da semântica formal, mas pode ser manipulado para se adequar aos interesses dos falantes. O exemplo que o autor oferece é o do câncer ‘curável’, no qual o significado de ‘curável’ depende do que o falante quer dizer, afirmando que a pesquisa sobre o câncer alcançou ou poucos

resultados ou resultados significativos. Stibbe (2001) oferece o exemplo da palavra ‘predador’. Um argumento comum contra os direitos dos animais é que ‘Os humanos são predadores naturais’, fazendo com que os humanos sejam incluídos na categoria de predadores. Porém, outro argumento contra os direitos dos animais atesta que ‘Animais em jaulas nas fazendas estão protegidos contra os predadores’, sendo que neste os humanos, como os fazendeiros, são convenientemente excluídos da categoria de predadores. Assim, a categoria de ‘predador’ é manipulada para incluir ou excluir humanos, dependendo do argumento que o falante está elaborando.

Terceiro desafio: apagamento

Um cachorro de verdade possui especificamente uma forma, um tamanho, uma cor, uma personalidade, um conjunto de comportamentos e uma certa atitude em relação à vida. Nenhuma dessas características individuais são expressas na expressão linguística ‘cachorro’. Ao saber que o novo animal de estimação de um amigo é um ‘cachorro’, esta informação nova somente me remete à entidade em questão, que é membro de um conjunto chamado ‘cachorro’, segundo a semântica formal. Porém, isto deixa escapar a maioria das informações a respeito do indivíduo em questão. Se entidades são tratadas como nomes ao invés de contempladas como um todo, assim elas serão ‘apagadas’, de acordo com a filosofia pós-moderna:

Ao nomear alguma coisa, nós a separamos dos demais objetos, dispensamos a imagem e nossa experiência sensorial, já que temos uma tendência de pensar em significados de nomes... Assim, nomear um objeto é simultaneamente apagá-lo (Olson 2000: 32).

Segundo filósofos pós-modernos, como Derrida, a riqueza do mundo real é apenas um esboço quando traduzida em palavras, e palavras nunca serão a representação exata da realidade. O modelo de realidade da semântica formal, que assume que a realidade é um espelho do limitado sistema linguístico, perde muitas das riquezas do mundo real.

Quarto desafio: representação

Os problemas com as representações não estão nos nomes, mas em todos os níveis linguísticos (Fowler 1991, Potter 1996). Se eventos ou objetos do mundo são observados

e registrados na língua, há muito mais informação do mundo real do que pode ser apreendido em uma descrição linguística. Assim, uma descrição terá que selecionar alguns aspectos e ignorar outros. Ainda, há também várias maneiras diferentes de que o evento ou objeto possam ser representados, acarretando que diferentes escolhas sejam feitas. Tomem como exemplo uma situação em que o governo de um país decide entrar em guerra com a aprovação de 51% da população, enquanto 49% se opõem a tal atitude. Esta situação pode ser noticiada das seguintes maneiras: ‘o governo foi à guerra com o apoio da maior parte da população’ ou ‘o governo foi à guerra mesmo com quase metade da população se opondo’.

Estas escolhas não se baseiam apenas em quais aspectos destacar e ignorar, mas também em nomear os participantes e os objetos, quais construções gramaticais usar e quais assuntos serão apresentados à luz como informação. Isto é uma escolha de como representar a realidade que podem ser influenciada por interesses e ideologias, consciente ou inconscientemente. Bordieu (1991:21) escreve que:

A possibilidade de que meus interesses influenciam minhas descrições do mundo pode parecer trivial. Porém, se você prestar atenção nas implicações, elas possuem consequências devastadoras à medida que meus interesses determinam como eu descrevo o mundo e, assim, minhas descrições perdem a capacidade de serem descrições objetivas.

Para os modelos de semântica formal, duas sentenças são idênticas em relação ao significado se elas tiverem as mesmas condições de verdade. Desta maneira, as sentenças ‘O réu se aproximou do bar’ e ‘O acusado de assassinato se aproximou do bar’ teriam o mesmo significado, já que ‘réu’ e ‘acusado de assassinato’ se referem à mesma pessoa. É óbvio que há muitas maneiras de se referir a pessoas ou descrever a realidade com as mesmas condições de verdade, mas com diferentes significados, lembrando que a ideologia pode influenciar tal escolha. Isso acaba por questionar ideia de uma realidade com valor neutro de condições e conjuntos de verdade, como é pressuposto pelo modelo clássico.

Quinto desafio: construção social

Conforme foi apontado anteriormente, estudiosos da semântica formal tendem a se limitar a exemplos nos quais as palavras correspondem a objetos físicos, ao menos se aproximam a tais objetos. Porém, há muitas palavras que não possuem um referente físico, como exemplo: uma ideia, um casamento, um divórcio, uma intenção, generosidade, justiça, paz, e assim por diante.

De acordo com Hacking (1999:7), uma ideia central para o construtivismo social é a de que muitas coisas que parecem ser sólidas, inevitáveis e naturais são ‘levadas à existência ou moldadas por aspectos sociais, como: eventos, forças e história, sendo que todas elas poderiam ter sido diferentes.’ Conceitos como ‘personalidade’, ‘democracia’, ‘liberdade’ ou ‘justiça’ são reificados e tratados como se fossem objetos reais, no lugar das construções sociais que são.

Gergen (1999:13) em seu *Invitation to social construction* (Convite à construção social) toma emprestada a frase de Nietzsche: “uma ilusão... uma ilusão após ser muito usada parece ser firme, canônica e obrigatória para a pessoa, e, assim, uma ilusão que a pessoa esqueceu que é uma ilusão”. As construções sociais se tornaram ilusões quando as pessoas esqueceram que elas são construídas socialmente e começaram a tratá-las como se fossem parte imutável e pré-determinada da realidade. Na semântica formal, pessoas começaram a tratar certas palavras como se elas fossem reflexos de entidades objetivas pré-determinadas ou conjuntos de traços externos, ao invés de tratá-las como construções sociais feitas pela própria língua.

Semelhanças com o misticismo oriental

O modelo clássico de realidade, que consiste em entidades e categorias objetivas as quais se encaixam perfeitamente nos itens linguísticos, é geralmente encarado como um fruto acadêmico baseado nas ideias filosóficas ocidentais de Descartes e Aristóteles. Porém, pode ser argumentado que os acadêmicos estão apenas capturando e formalizando uma maneira comum de pensar a respeito da língua e do mundo. Afinal, as palavras ‘verdadeiro’, ‘falso’, ‘e’, ‘não’, ‘se’ e assim por diante não foram inventadas por lógicos ou semanticistas formais, mas evoluíram naturalmente como parte de todas as línguas.

A língua é dividida em unidades discretas (palavras, frases, sentenças etc.) e a premissa de que as palavras correspondem objetivamente a conjuntos de objetos existentes na realidade é uma parte natural de como a língua é usada na comunicação. Escritores e

falantes falam como se suas representações de mundo fossem neutras, percepções exatas da realidade, usando algumas técnicas para convencer o público da factualidade de suas asserções (Potter 1996). Eles fazem isso de maneira inconsciente e automatizada por causa das asserções generalizadas sobre a correspondência entre língua e mundo. Assim, parece que não apenas os semanticistas formais elaboram asserções simplistas acerca da relação entre língua e mundo, mas todos, incluindo as populações do antigo oriente.

Acadêmicos pós-modernos no ocidente estão desafiando o modelo clássico de língua e avisando sobre os perigos de considerar a realidade como se correspondesse exatamente com simples estruturas e construções sociais da linguagem. Porém, ao adotar tal postura, os acadêmicos estão em consonância com os místicos orientais, que já estavam avisando as pessoas sobre essas mesmas coisas durante milhares de anos.

Semelhança 1: A tábula rasa

Tao pode ser traduzido como ‘o caminho’, e outro aspecto do Tao que pode ser pensado é ‘a maneira como as coisas são’, ou seja, a realidade antes de ter sido apreendida e nomeada pela cognição e linguagem humanas.

A tábula rasa (‘un-carved block’) é uma das várias metáforas usadas no *Tao Te Ching*, a publicação central do taoísmo (Lao Tzu, 1997). O *Tao Te Ching* mostra uma consciência aguçada do perigo de se dividir esta tábula em objetos e nomeá-los:

A tábula rasa (bloco intocado), apesar de parecer pequena

É maior que qualquer coisa sob o céu...

Assim que o bloco é talhado, haverá nomes,

E assim que houver nomes

Saiba que é hora de parar

Apenas ao saber a hora de parar é que o perigo pode ser evitado.

A descrição taoísta da realidade leva em consideração que a realidade é muito mais rica que os sistemas linguísticos que a descrevem. Enquanto teorias formais ocidentais tratam como não importantes os aspectos da realidade que estão fora das condições de verdade, o taoísmo enfatiza particularmente a importância desses aspectos. O tao não pode ser expressado linguisticamente, como Chuang Tzu (2001:36) aponta claramente:

ECO-REBEL

Se a língua fosse adequada, levar-se-ia não menos que um dia inteiro para se expressar o tao. Não sendo adequada, levaria esse mesmo tempo para explicar a existência material. Tao é algo além de existências materiais. Não pode ser abarcado nem por palavras nem pelo silêncio.

O reconhecimento de que a linguagem pode ser somente uma imitação pálida da realidade é central para o taoísmo, o budismo Ch'an chinês (que é uma mistura de taoísmo e budismo) e o zen japonês (que é derivado do Ch'an). Um ditado zen citado frequentemente é: 'No instante em que você fala, você erra o alvo.' Um sentimento similar é expresso pelo cientista social Gergen (1999:62) 'O que quer que seja, simplesmente é. Porém, no momento em que nós começamos a articular o que há... nós entramos no mundo do discurso e, assim... em um conjunto de premissas valorativas.'

Semelhança 2: tempo e mudança

O modelo clássico de mundo consiste em objetos e nas relações entre eles, mas um problema com este modelo é que não é mencionado nada a respeito do tempo, e nele também não pode ser inserido nada sobre mudanças graduais. Por exemplo: há um conjunto de 'bebês', 'crianças' e 'adultos', mas no modelo clássico bebês teriam que simplesmente pular de um conjunto para outro à medida que forem crescendo.

Isso não é apenas um problema com um modelo acadêmico ocidental, mas também um problema com a linguagem e o pensamento humano em geral. Nada na palavra 'maçã', por exemplo, sugere que o objeto em questão é maçã somente um curto período de tempo, antes de sofrer mudança. Ao colocar as coisas em palavras parece que se dá a elas um tipo de solidez que elas não têm na realidade: a palavra 'bicicleta' nunca enferrujará, mas a bicicleta real, sim.

O misticismo oriental reconhece a tendência humana de pensar em objetos como se fossem sólidos e permanentes, como as palavras que os descrevem, e coloca grande ênfase ao contradizer tal concepção por meio da percepção das mudanças (Huang 1988). Leih-tzu chama atenção de que:

O céu e a terra estão sempre mudando. Porém, por essas mudanças serem tão lentas, pensamos erroneamente que elas não ocorrem. (Wong 1995:42).

De acordo com o budismo, a inabilidade de perceber a natureza de mudança constante do mundo é uma das causas principais do sofrimento (Hagen 1977:21). E conforme aponta Capra (1982:17) ‘A principal característica do tao é a natureza cíclica de seu movimento infinito; todos os desenvolvimentos na natureza, tanto no mundo físico, como no reino psicológico e social, apresentam padrões cíclicos.’

Semelhança 3: a palavra é um filtrado

O Vimalakirta-sutra afirma o seguinte a respeito da linguagem:

As palavras por elas mesmas são menos que o pensamento, o pensamento menos que a experiência. A palavra é um filtrado, um resíduo destituído de seus melhores componentes (de McPhail 1996:2).

Esta passagem fornece uma comparação clara com o conceito pós-moderno de apagamento. Como D. T. Suzuki (1959:5) aponta: ‘Zen insiste em manejar a coisa nela mesma e não uma abstração vazia.’ Hakuin (1996:2), um mestre zen, escreve o seguinte a respeito dos nomes:

Nós vemos montanhas, rios, homens e mulheres, e outras coisas, e pensamos que isto nos dá um certo tipo de liberdade, enquanto na verdade isso é a causa de nossa não liberdade.

Para Hakuin, a realidade não diferenciada é ‘um espaço intangivelmente ilimitado, aberto, vazio, em repouso’, ao passo que ‘A terra, seus vales e rios, são apenas nomes, nada mais’ (Hakuin 1996:42). Como Olson (1982:27) aponta: ‘Da perspectiva de Ch’an, palavras e nomes são incapazes de expressar a verdade última.’ A verdade última (em oposição à verdade relativa) se encontra nas coisas, não em expressões linguísticas que são usadas para descrevê-las. Essa verdade última é bem diferente do par ‘verdadeiro/falso’ da semântica formal, o qual só pode ser empregado a sentenças.

Semelhança 4: não autonatureza

Assim como os construtivistas sociais, os místicos são conscientes da ilusão criada pela linguagem e possuem a ‘mente aguçada para evitar os abismos do sistema de palavras

ECO-REBEL

que constrói sua própria estrutura de conhecimento e inventa sua própria verdade.’

(Grigg 1994). D T Suzuki (1959:5) escreve que:

O zen não é necessariamente contra as palavras, mas está cômico do fato de que elas são suscetíveis de se separarem da realidade para transformarem-se em concepções, e é contra estas concepções que o zen se opõe.

Isso pode ser mostrado por meio do uso, por exemplo, da palavra ‘personalidade’. Burr (1995:21), um construtivista social, argumenta que ‘Não há evidência objetiva a qual você possa apelar que demonstraria a existência de sua personalidade.’ Ele continua dizendo que:

Sentimos que realmente temos personalidade, sentimos às vezes que estamos escondendo nosso verdadeiro eu, e o construtivismo social parece que está dizendo que a pessoa que você imagina ser não existe de modo algum, é apenas uma ilusão... É possível dizer que não temos um verdadeiro eu (Burr 1995, An introduction to social constructionism).

Isso é notavelmente semelhante às ideias zen. Compare a citação acima com a de Harada, um mestre zen japonês:

Nós temos o hábito de perceber ‘esta coisa’ como ‘eu’. A razão para isso é que desde o nascimento nós somos ensinados que as coisas existem. Geralmente, não conseguimos aceitar que as coisas não existem, mas na realidade elas não existem. No budismo, expressamos isso como ‘não autonatureza’ (Harada 1993, The essence of Zen).

Esse comentário está conectado com o tema recorrente da vacuidade, que aparece por todo o budismo e taoísmo: ‘O Bodhisattva Avalokita... lança luz sobre os cinco skandhas e os encontra igualmente vazios.’ (extraído de *the Heart Sutra*, Hanh 1988). Hanh faz a seguinte pergunta: ‘Sr. Avalokita, vazio do quê?’ e, então, ele responde: ‘Vazio de um eu separado.’

Conclusão

Este artigo descreveu desafios a posicionamentos ingênuos a respeito da natureza da realidade e da linguagem, tanto dos teóricos ocidentais contemporâneos como místicos orientais antigos. A razão pela qual construtivistas sociais querem nos lembrar de que os conceitos usados por nós na vida cotidiana são construídos socialmente e são frequentemente políticos, ao invés de serem inevitáveis. Grupos poderosos têm mais acesso a *media* do que grupos fracos e, assim, têm uma habilidade maior para moldar socialmente a construção da realidade.

Construtivistas sociais geralmente são de esquerda, e tendem a pensar que questionar uma construção específica da vida social, que não é natural ou inevitável, mas está de acordo com os interesses de grupos poderosos, é uma maneira de desafiar as relações desiguais de poder. Os posicionamentos dos construtivistas sociais frequentemente são usados em pesquisas que buscam a emancipação, contra-argumentando o sexismo, o machismo, a homofobia etc. O zen também se preocupa com a emancipação, mas de um ângulo diferente:

Zen é a disciplina da iluminação. Iluminação significa emancipação. E emancipação não é nada mais do que liberdade (D. T. Suzuki, 1970, p.5). Satori é emancipação... quando eu estou em minha interioridade, livre cuidadosamente de todos os sedimentos intelectuais, eu tenho minha liberdade, em seu sentido primeiro (ibidem, p. 17).

A emancipação das forças enganadoras dos resquícios intelectuais, à primeira vista, parece muito diferente da emancipação de ideologias racistas e sexistas. Mas o encontro das duas formas de emancipação pode ser encontrado nos trabalhos de análise crítica do discurso, como em Fairclough (1989, 1992) e van Dijk (1993, 1997).

Van Dijk (1997:19) descreve como os ‘poderes discursivos e hegemônicos’ operam por meio da língua para fazer ‘as pessoas agirem como se fosse natural, normal ou simplesmente como se fosse um consenso’. Asserções ideológicas, como por exemplo: ‘o homem é superior à mulher’, são inseridas em vários textos para tornarem-nas senso comum. Fairclough (1989:85) escreve o seguinte:

ECO-REBEL

A ideologia é mais efetiva quando a forma como age é menos visível. Se uma pessoa ficar consciente de que um aspecto em particular do senso comum está sustentando desigualdades de poder às suas próprias custas, deixará de ser senso comum e pode até acabar a capacidade de manutenção das desigualdades de poder.

Assim, o primeiro passo na emancipação social é a percepção de que a língua não fornece um modelo acurado de uma realidade pré-existente. Desta maneira, a emancipação social começa com a emancipação pessoal, segundo as linhas budistas. Conforme Gergen aponta ‘informados por uma sensibilidade construtivista, somos convidados a sair das realidades que nós mesmos criamos’ (Gergen 1999:62). O próximo passo é ‘redescrever’:

[nós devemos] apreciar o poder de redescrever, o poder da língua de fazer coisas novas e diferentes que sejam possíveis e importantes. Uma apreciação que se torna possível somente quando alguém objetiva expandir o repertório de descrições alternativas, no lugar da ‘única descrição correta’ (Rorty apud Gergen 1999:62).

Na Análise Crítica do Discurso a ‘resistência’ é feita por meio do processo de análise e posteriormente pelo incentivo ao rompimento com as convenções linguísticas opressoras (Wodak e Meyer 2002).

O zen também está envolvido com a quebra de convenções linguísticas: *koan* como em ‘Qual é seu rosto original antes de seu nascimento?’ ou ‘Qual é o som de apenas uma mão batendo palma?’ são meios para se abrir a mente (D. T. Suzuki 1964:102). Da mesma maneira, D. T. Suzuki relata a história de Joshu, que respondeu à pergunta ‘Qual é o princípio último do budismo?’ com a afirmação ‘O cipreste no quintal’. Assim, ambos o zen e a Análise Crítica do Discurso rompem com convenções linguísticas, porém de formas diferentes. O que eles têm em comum é o fato de se oporem a premissas ingênuas que defendem que a língua reflete exatamente a realidade, sendo que esse tipo de premissa leva à ilusão e à exploração.

D T Suzuki (1959) descreve diversos métodos de treinamento prático que o zen usa para contradizer a ilusão de que a realidade é igual à língua. Na cerimônia do chá, o apagamento dos nomes é contrabalanceado pela admiração da singularidade e da beleza singela dos utensílios do chá e das xícaras. Nos haikai, o poeta se limita aos detalhes de sua experiência no presente, como o som dos insetos, ao invés de abstrações como

‘esperança’. A natureza inconstante e cíclica do universo é reconhecida por meio da apreciação das estações, com o desabrochar das flores sendo apreciado por causa da certeza de sua decadência imanente.

A técnica mais importante que o zen e o taoísmo usam para trazer à luz as limitações da língua e seus conceitos é a meditação, ou Zazen, que pode ser pensado como um estado de relaxamento mental para acalmar vocalizações e pensamentos abstratos, permitindo a conscientização de se concentrar na experiência do momento presente. Questionamentos de que se isso é na verdade um ‘significado cultural transcendental’ (Gergen 1999:236) ou ‘ir além de nossas categorias’ (Lakoff e Johnson 1999:19), ou ainda se o processo de meditação é construído inteiramente pela língua e pela cultura (Wright 1992) podem ser feitos somente antes ou após a meditação, e não durante ela, já que não há vocalização durante uma verdadeira meditação.

Durante uma sessão de meditação parece que há uma redução do poder ilusório da língua e das abstrações, mas o objetivo do zen não é evitar a língua. Sessões de meditação, como a cerimônia do chá, têm um início e um fim bem definidos e ocorrem em apenas uma fração do dia. O resto do tempo é gasto nas interações no mundo linguístico. Porém, o que a prática do zen pode fazer é cultivar uma consciência das limitações da língua, que podem surgir no mundo linguístico. De acordo com o que Wright (1992) aponta: ‘a sensibilização do silêncio no zen caminha de mãos dadas com a sensibilização da língua’. O zen reflete-se em alguns aspectos da cultura japonesa, por exemplo, na forma em que proposições não são expostas como se fossem a verdade final e única, mas de maneira tentativa, como uma perspectiva dentre muitas outras. ‘Um homem justo... tem sua própria opinião, mas ele não desconsidera obstinadamente a opinião alheia’ (Chuang Tzu 2001:54). Opor-se diretamente às proposições dos outros as declarando falsas é considerado não apenas falta de educação, mas também imaturidade, pois é infantil, de acordo com a cultura japonesa, considerar uma proposição de maneira simplista como verdadeira ou falsa. Assim, Chuang Tsu (ibid: 25) escreve:

Na certeza de que você e eu discutiremos, caso você me vença, e não eu vença você, você estará necessariamente certo e eu errado? Ou caso eu vença você e não você a mim, eu estarei necessariamente certo e você errado?... Você e eu não teremos como saber isso... Quem devo colocar como um árbitro superior? Caso eu empregue alguém que assuma seu ponto de vista, ele estará do seu lado...

Enquanto o cientista ideal no ocidente é confiante e determinado, seguindo as linhas do modelo clássico, o sábio ideal no taoísmo é ‘controlado... como aquele que atravessa o córrego... permissivo como o gelo quando começa a derreter, liso como um bloco intocado de madeira, mas receptivo...’ (Lao-Tsu 1997).

A Análise Crítica do Discurso e o construtivismo social parecem dar um passo a mais que o taoísmo e o zen no sentido de que ao descobrir que a língua cria ilusões, a ilusão é, então, analisada cuidadosamente e são criadas alternativas. Estas alternativas são também ilusões, mas a habilidade de selecionar uma ilusão dentre várias, ou criar uma nova caso seja necessário é uma forma de emancipação, oferecendo libertação da obrigatoriedade de seguir a única e verdadeira versão, uma versão que atua de acordo com os interesses daqueles que têm o poder e a proclamam.

Ao invés de discutir as diferenças entre a Análise Crítica do Discurso e o construtivismo social e entre o tao e o zen, este artigo conclui com a discussão do que cada uma dessas teorias tem a oferecer àqueles que estão familiarizados com somente um lado, ou seja, para alguém que esteja familiarizado com a filosofia oriental, a Análise Crítica do Discurso e o construtivismo social oferecem explicações específicas e razões para se desconfiar da linguagem usada nas tradições orientais. Oferece também formas de analisar áreas específicas da vida social em detalhes com o objetivo de fornecer alternativas e reconstruir certas áreas problemáticas.

Para alguém familiarizado com a Análise Crítica do Discurso e o construtivismo social, a filosofia oriental oferece treinos práticos que podem levar diretamente a revelações sobre as relações entre língua e realidade. A ilusão de que a realidade é mapeada cuidadosamente em nosso sistema linguístico está altamente arraigada em nós, assim qualquer descrição a respeito da ilusão das palavras é parte da mesma ilusão. Geralmente, alguns dizem que ‘o mapa não é o território’, mas podemos argumentar da mesma maneira que ‘o mapa é o território’, pois ‘mapa’ e ‘território’ ambos são rótulos apenas. Para se realmente entender ‘território’ requer estar no próprio território e o misticismo oriental oferece treinos práticos para a conscientização de aspectos da realidade que vão além dos sistemas linguísticos.

Referências

- BARTHES, R. (1972) *Mythologies (translated, original 1957)*. London: Vintage
- Berlin, Brent and D Breedlove and P Raven (1974) *Principles of Tzeltal Plant Classification*. New York: Academic Press
- BOURDIEU, P. (1991) *Language and Symbolic Power (translated, original 1982)*. Mass.: Harvard University Press
- BURR, V. (1995) *An Introduction to Social Constructionism*. London: Routledge
- CANN, R. (1993) *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge University Press
- CAPRA, F. (1982) *The Turning Point: Science, society and the rising culture*. London: Harper Collins
- CAPRA, F. (1999) *The Tao of Physics: An exploration of the parallels between modern physics and Eastern mysticism (4th edition, 1st edition published 1975)*. Boston: Shambala
- CHUANG, T. (2001) *Teachings and sayings of Chuang Tzu (translation, original around 300BCE)* New York: Dover
- FAIRCLOUGH, N. (1989) *Language and Power*. London: Longman
- FAIRCLOUGH, N. (1992) *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press
- FOWLER, R. (1991) *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge
- GERGEN, K. (1999) *An Invitation to Social Construction*. London: Sage
- GRIGG, R. (1994) *The Tao of Zen*. Boston: Alva Press
- HACKING, I. (1999) *The Social Construction of What?* Mass.: Harvard University Press
- HAGEN, S. (1997) *Buddhism Plain and Simple*. New York: Broadway Books
- HAKUIN, Z. (1996) *Zen Words for the Heart: Hakuin's commentary on the Heart Sutra (translated by Norman Waddell, original 1744)*. London: Shambala
- HANH, T. N. (1988) *The Heart of Understanding: commentaries on the Prajñāparamita Heart Sutra*. Berkeley: Parallax
- HARADA, S. (1993) *The essence of Zen: Dharma talks given in Europe and America*. Tokyo: Kodansha
- HUANG, A. (1998) *The complete I Ching*. Rochester: Inner Traditions
- LAKOFF, G. ; JOHNSON, M. (1999) *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books
- LAO, T. (1997) *Tao Te Ching (translated, original around 400 BCE)*. Herts: Wordsworth
- MCPHAIL, M. (1996) *Zen in the art of Rhetoric: an inquiry into coherence*. New York: State University of New York Press
- OLSON, C. (2000) *Zen and the Art of Postmodern Philosophy*. New York: State University of New York Press
- POTTER, J. (1996) *Representing Reality: Discourse, Rhetoric and Social Construction*. London: Sage.
- ROSCH, E. (1973), 'On the internal structure of perceptual and semantic categories' In: MOORE, T. ed., *Cognitive development and the acquisition of language*. London: Academic Press, 111-144
- ROSCH, E. (1975) 'Cognitive representations of semantic categories'. *Journal of experimental psychology*, general 104, 193-233
- STIBBE (2001) 'Semantic classification and ideology' *Journal of Chikushi Jogakuen University*. 13:125-146
- SUZUKI, D. T. (1964) *An Introduction to Zen Buddhism*. New York: Grove Press
- SUZUKI, D. T. (1970) *Zen and Japanese Culture*. NJ: Princeton University Press
- VAN DIJK, T. (1993) 'Principles of Critical Discourse Analysis' *Discourse and Society*, 4(2): 249-283
- VAN DIJK, T. (1997) 'Discourse as Interaction in Society' In: VAN DIJK, T.(ed.) *Discourse as Social Interaction*. pp1-37. London: Sage
- WODAK, R.; MEYER, M. (2001) *Methods of Critical Discourse Analysis*. London: Sage

ECO-REBEL

- WONG, E. (1995) *Lieh-tzu: A Taoist guide to practical living* (translation, original 400 BCE).
London: Shambala
- WRIGHT, D. (1992) 'Rethinking Transcendence: The role of language in Zen experience'
Philosophy East and West, 42:1:pp113-139.

Texto convidado.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.